

“Quero meus ministros dispostos para a guerra”

Furtado teme até pela democracia

O presidente Fernando Henrique Cardoso mais uma vez reuniu os ministros, os líderes do Governo e dos partidos aliados para pedir unidade. Depois do episódio protagonizado pelo ex-ministro Clóvis Carvalho, na semana passada, o Presidente sugeriu que as discrepâncias do seu Governo não sejam resolvidas em público. O outro envolvido na crise da última semana, o ministro Pedro Malan - pivô da demissão de Clóvis -, permaneceu calado durante todo o encontro. O nome de Clóvis só foi mencionado pelo próprio Presidente, que se apresentou, longe da imprensa, numa postura firme e pouco descontraída: “Estamos numa guerra, quero os ministros guerreiros, dispostos à guerra”.

A idéia é defender o Governo, fazê-lo chegar à população, dialogar com as pessoas. “Estamos aqui para mudar o Brasil”, teria declarado Fer-

nando Henrique. Seu recado para que as críticas em direção à Pedro Malan tenham fim, parece, foi entendido. Todos os líderes se mostraram a favor do ministro da Fazenda.

O presidente Fernando Henrique exigiu que os ministros e líderes se comprometam com o Governo. “Temos que ter garra, orgulho do que estamos fazendo. Somos sérios, não estamos fazendo pirotecnia”, disse, chamando a atenção dos seus interlocutores. Ele salientou o compromisso social e sugeriu que os integrantes do Governo iniciem caravanas por todo o País. “É preciso mostrar o que estamos fazendo”.

Ele voltou a insistir na bandeira do PPA como forma de sedimentar a unidade das forças entre seus aliados. E ouviu reclamações. O líder do PPB no Senado, Leomar Quintanilha (TO), questionou a diferença de investimentos



Humberto Pradera

Malan (C) conversa com colegas na reunião ministerial

entre o Nordeste e o Sudeste. Fernando Henrique respondeu que tudo depende da capacidade de absorção de cada região. Os líderes do Governo na Câmara, Arnaldo Madeira (PSDB-SP), e no Senado, José Roberto Arruda (PSDB-DF), destacaram a

importância dos gerentes do programa Avança Brasil. Já, o líder do PTB na Câmara, Roberto Jefferson (RJ), falou da necessidade de ampliar a comunicação do Governo com o povo.

O presidente do PMDB, senador Jader Barbalho (PA),

pediu mais atenção para as soluções do desemprego, seguindo a linha de discurso que inaugurou neste segundo semestre no Congresso. Fernando Henrique rebateu a crítica dizendo que o Banco do Brasil tem dinheiro para agricultura e habitação. Foi Madeira que emendou: “É preciso fazer esse dinheiro chegar até a ponta. O agente público tem de emprestar recurso”.

Antes de encerrar, porém, o presidente Fernando Henrique Cardoso voltou a atacar a oposição. Ele lembrou que as disputas internas do Governo só fortalecem as teses dos adversários. “A oposição perdeu não só o rumo, mas também a cabeça”, disse. O Presidente ainda acrescentou: “- Estão discutindo se paga ou não a dívida externa, e se fala também em fechar o Congresso, eles estão voltando 30 anos atrás.”

Rio - O economista e ex-ministro do Planejamento Celso Furtado afirmou ontem que o que está em risco, na atual crise brasileira, é a democracia. “Quando as tensões sociais são muito grandes, levam ao desejo de mudanças profundas”, disse. “Espero que sejam pelo caminho democrático, mas o País pode deslizar para a direita, para o fascismo”.

Durante o seminário “Desenvolvimento: o fato e o mito”, que está sendo realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Furtado condenou o Plano Plurianual (PPA) apresentado pelo Governo. “É um trabalho mais de ficção do que de estratégia”, alertou. Segundo Furtado, o Governo programou investimentos contando com recursos da iniciativa privada. “E ela já foi consultada?”, indaga o economista, questionando do interesse do setor no projeto do Governo.